



**CONFIANÇA**

Coleção Antídotos para o Inferno, III

# Confiança



Janeiro 2026

## Sumário:

Introdução	i
O Romance de Amadis	1
Avalor	4
Desejo-te a paz do sono	6
No barco	8
Les planches courbes	10
Libertação	14
O navio dourado	16
Orfeu e Eurídice	19
A Divina Comédia: Purgatório	22
Santa Cristina, a Maravilhosa	24

## Abandonar-se à travessia

A antologia que se apresenta resulta do trabalho realizado em oficina organizada pela EVA Cartonera, em colaboração com o Serviço Educativo do Bairro dos Museus de Cascais.

A oficina decorreu nos dias 17 e 24 de Janeiro de 2026, na Casa das Histórias Paula Rego, e inscreve-se no ciclo de ateliês "Antídotos para o Inferno", que visam pensar e sentir a obra de Paula Rego a partir de uma dupla de conceitos: o veneno e o seu remédio, enquanto faces simultâneas de uma mesma realidade, uma vez que a cura se constitui do próprio veneno.

Nesta oficina o antídoto trabalhado foi a Confiança no avesso da Dúvida, a partir de cinco gravuras de Paula Rego que integram ou se relacionam com a série "As Pranchas Curvas", inspirada na obra homónima de Yves Bonnefoy.

Antídoto da dúvida e da insegurança, confiar é entregar-se e colocar-se nas mãos de alguém - de si mesmo, do destino, de Deus, do outro, da natureza...- não na forma passiva de quem espera, mas no modo actuante de quem rema e conduz o seu próprio barco.

Seguindo a metodologia das oficinas deste Ciclo, partimos das histórias que Paula Rego conta nas gravuras seleccionadas, para as relacionar quer com os textos que possam ter estado na sua origem, quer com outros escritos com elas relacionados.

Neste contexto, o tema da Confiança como antídoto da Dúvida foi trabalhado em três eixos fundamentais:

- As pranchas curvas, de Yves Bonnefoy - uma fábula em que uma criança emerge do nada, pedindo e confiando que o gigante-barqueiro a passe para a outra margem do rio num barco feito de tábuas curvas. O gigante explica ao menino o significado das palavras "Pai" e "Mãe" e durante a travessia o barco afunda-se sob o peso dos dois, sendo ambos obrigados a nadar.

A passagem é, assim, simultaneamente a morte e a vitória sobre a morte, representando o gigante a palavra que atravessa a morte e conduz o menino à margem segura (Bonnefoy, 2014; Finck e Leclair, 2022). Com efeito, para Yves Bonnefoy, "a experiência da palavra reconduz-nos ao 'verdadeiro lugar'".

- O mito de Santa Cristina, a Maravilhosa (ca. 1150-1224) - padroeira dos que sofrem de doença mental, retratada na iconografia religiosa como uma freira alada que guia as almas do purgatório e que, muito provavelmente, sofreria de transtorno do espectro do autismo.

Santa Cristina está presente em duas obras trabalhadas na oficina: as gravuras "Saint Christine" e "The Guardians". A obra "Saint Christine" foi criada para o livro "Imagined Sons", de Carrie Etter, sobre a experiência de dar um filho para adoção. É também Santa Cristina que figura na gravura "The Guardians", como disfarce do gigante de Bonnefoy (Davis Museum, 2025) e, possivelmente, protectora da Artista, no contexto dos seus episódios de depressão.

- A confiança na travessia dos infernos subjacente à barca de Bonnefoy, que evoca mitos greco-latinos, como o de Orfeu, bem como lendas como as de São Julião Hospitaleiro e de São Cristóvão (Finck e Leclair, 2022).

Escolhemos incluir nesta antologia o mito de Orfeu, pois foi a Confiança que convenceu Caronte a levá-lo na barca e Hades a confiar-lhe Eurídice, sendo a dúvida o que o fez perdê-la no último momento (Menelaos, 2016).

A correspondência entre as histórias contidas nos textos que compõem esta antologia e as gravuras de Paula Rego está resumida no seguinte mapa:

Paula Rego  
Saint Christine,  
2009



- Excerto de "O romance de Amadis", de Afonso Lopes Vieira;
- "Avalor", poema do romanceiro de Almeida Garrett.

Paula Rego  
Steering the Boat,  
2009



- Excerto do poema "Desejo-te a paz do sono", de Rosemerry Trommer;
- "No barco", haiku de Masaoka Shiki.

Paula Rego  
São Cristóvão, 2009



- Excertos de "Les planches courbes", de Yves Bonnefoy;
- Excertos de "Libertação", poema de José Régio.

Paula Rego  
Protector, 2009



- Conto tradicional da Letónia: "O navio dourado";
- Mito de Orfeu e Eurídice.

Paula Rego  
The Guardians, 2009



- Excerto do Canto II (10-23) de "O Purgatório", de Dante Alighieri;
- Excerto de "A vida de Santa Cristina, a Maravilhosa", de Thomas Cantimpré.

Nas palavras de Finck e Leclair (2022), Bonnefoy avança em direção à incerteza de si sobre as pranchas do seu teatro interior, procurando compreender os enigmas que o atormentam.

A cura para a Dúvida mais não é do que abandonar-se à corrente do rio nas mãos do gigante. Não se trata de confiar que o gigante nos atravessará, mas sim de entregar-se nas pranchas curvas dos seus braços.

Não se morre na travessia se houver Confiança no rio que conduz, pois o seu leito é a terceira margem, aquela em que se quer acreditar e se confia alcançar.

## Bibliografia

BONNEFOY, Yves - Postscript to "The Curved Planks". 2014 - Disponível em: <https://fortnightlyreview.co.uk/2013/08/curved-planks>.

DAVIS MUSEUM - Paula Rego - The Guardians. 2025 - Disponível em: <https://www1.wellesley.edu/davismuseum/explore-the-collections/recent-acquisitions/node/193566>.

FINCK, Michèle; LECLAIR, Yves - Les planches courbes d'Yves Bonnefoy : les fiches de lecture. Paris: Encyclopedia Universalis France, 2022.

MENELAOS, Stephanides - Prometeu, os homens e outros mitos. São Paulo: Odysseus Editora, 2016.

**Nota:** Os excertos das obras trabalhadas em oficina apresentam-se dactiloscritos.

## O ROMANCE DE AMADIS

Como era tempo de ir pensando em tudo, antes do aperto quis Darioleta o remédio.

Buscou quatro tábuas tão grandes que fez com ela uma arca do comprimento de uma espada, e com betume as embreou tão bem que toda a água vedavam.

Não tardou muito que a Elisena chegasse a hora de ser alumiada; e como não podia gemer, dobradamente sofria.

Enfim uma noite quis Nosso Senhor que o filho do amor nascesse, e, tomando-o a donzela nos braços, viu que era vivo e formoso!

Porém logo tratou de fazer o que convinha, segundo o que tinha já determinado; baptizou o menino como se fora em artigo de morte e, depois de o embrulhar em ricos panos, trouxe a arca.

Darioleta escreveu num pergaminho: - "Este é Amadis Sem Tempo, filho de Rei".

Tirou o menino dos braços da mãe, pendurou-lhe ao pescoço o pergaminho e Elisena enfiou

na mesma fita o anel que Perion lhe tinha  
dado.

Metido o menino na arca, puseram-lhe ao lado  
a espada do pai - e a donzela foi deitar a  
arca ao rio...

Afonso Lopes Vieira



Colagem de Carla Silva

## AVALOR

Da barca levantam remos,  
e ao som do remar  
começaram os remeiros  
da barca este cantar:

-Que frias eram as águas!  
Quem as haverá de passar?

Dos outros barcos respondem:

- Quem as haverá de passar?  
Frias são as águas, frias,  
ninguém nas pode passar;  
senão quem pôs a vontade  
donde a não podem tirar.

in Romanceiro, de Almeida Garrett



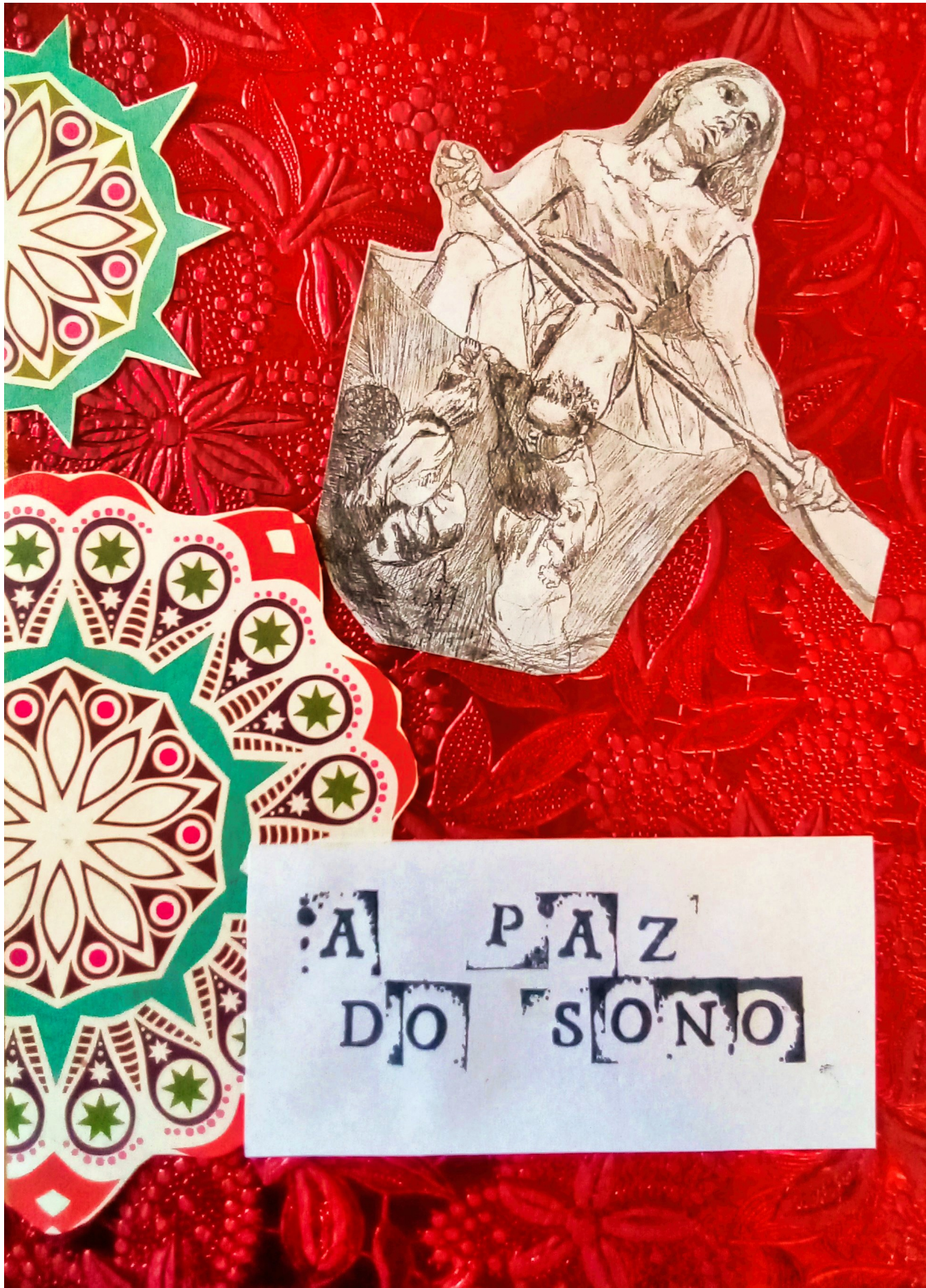
Colagem de Ana Peres

Desejo-te a paz do sono,  
em que a respiração é uma canoa  
que te leva rumo ao futuro  
sem precisares de tocar nos remos.

Confiar que,  
não importa quão altas sejam as ondas,  
na barca da graça  
há um lugar para ti.

Oh, soltar os remos -  
não há como guiar  
o que vem a seguir.

Rosemerry Wahtola Trommer



Colagem de Ana

No barco  
ao contemplar o rio Celestial  
perdi os remos.

Masaoka Shiki

Nota - 10. Rio celestial é a Via Láctea



Colagem de AgB Collage

## AS PRANCHAS CURVAS

O homem que estava na margem junto à barca era muito alto.

O menino aproximou-se em silêncio, levava uma pequena moeda de cobre bem apertada na mão e, pelo barulho suave da barca, percebia que esta se movia contra uma pedra ou estaca a que estaria amarrada.

- Bons dias, Senhor - disse com uma voz que, apesar de clara, tremia, porque temia atrair demasiado a atenção daquele homem gigante.

Mas o barqueiro já o tinha visto debaixo das canas.

- Bons dias, pequeno! Quem és? - respondeu.

- Oh, não sei!

- Não sabes? Como te chamam quando é hora de regressares a casa? Não tens pai, nem mãe?

O menino perguntou-se, então, o que seria um pai, uma mãe ou uma casa.

- O que é um pai?

O barqueiro sentou-se numa pedra junto à sua barca.

- Um pai? Bem, é quem te pega ao colo quando choras, se senta ao teu lado à noite quando tens medo e te conta uma história.

O menino respondeu:

- Não me recordo de nada disso. Tenho de passar o rio e com que pagar a passagem.

O gigante inclinou-se, pegou-lhe com as suas grandes mãos, colocou-o aos ombros e dirigiu-se à barca, que cedeu um pouco com o seu peso.

- Vamos - disse - agarra-te a mim com força. Com uma mão segurou o menino ~~por uma~~ perna e com a outra pegou no remo e empurrou a barca. A barca afastou-se da margem e o rumor da água ampliou-se com os seus reflexos até às sombras.

Um instante depois, um dedo tocou a orelha do barqueiro.

- Ouve, queres ser meu pai?

- Teu pai? Eu sou apenas um barqueiro, não me posso afastar das margens do rio.

- Pois ficarei nas margens contigo.

- Não, não é possível - respondeu o barqueiro. Entretanto a barca afundava-se cada vez mais, dobrando-se com o peso do homem e do menino,

que aumentava a cada segundo. Até que a água ultrapassou a borda das pranchas curvas e ambos se afundaram na noite.

Mas o barqueiro começou a nadar, com o menino agarrado ao seu pescoço.

- Não tenhas medo, o rio não é muito largo, depressa chegaremos à margem.

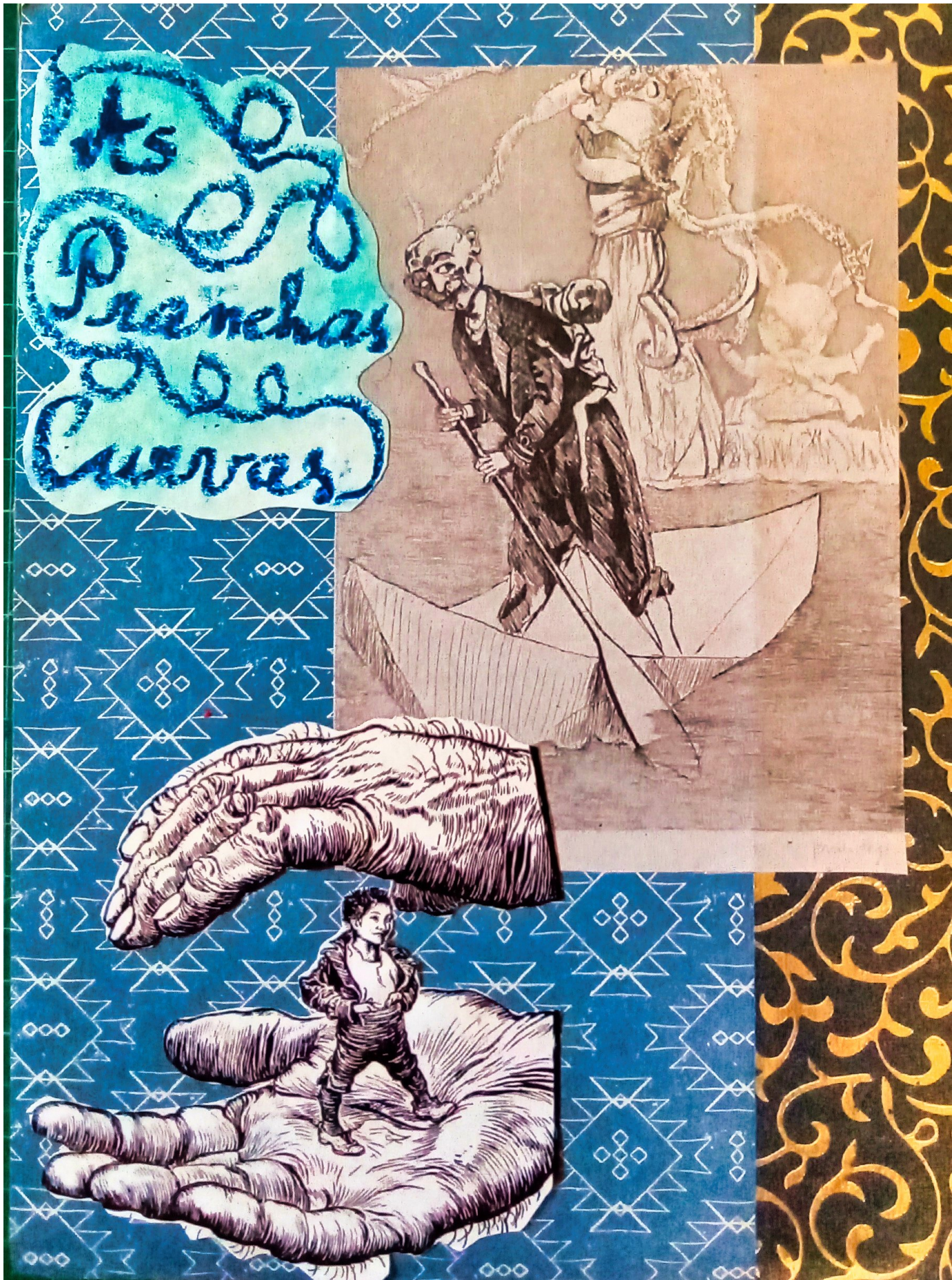
- Oh, por favor, sê o meu pai! Sê a minha casa!

- Tens de esquecer isso - respondeu o gigante em voz baixa - tens de esquecer essas palavras.

Há que esquecer essas palavras.

Dito isto, segurou com mais força a perna do menino, que já era desmedida, e com o braço livre nadou pelo infinito de remoinhos, correntes, abismos e estrelas.

Yves Bonnefoy



Colagem de Maria José

## LIBERTAÇÃO

Menino doido, olhei em roda, e vi-me  
fechado e só na grande sala escura.  
(Abrir a porta além de ser um crime,  
era impossível para a minha altura...)

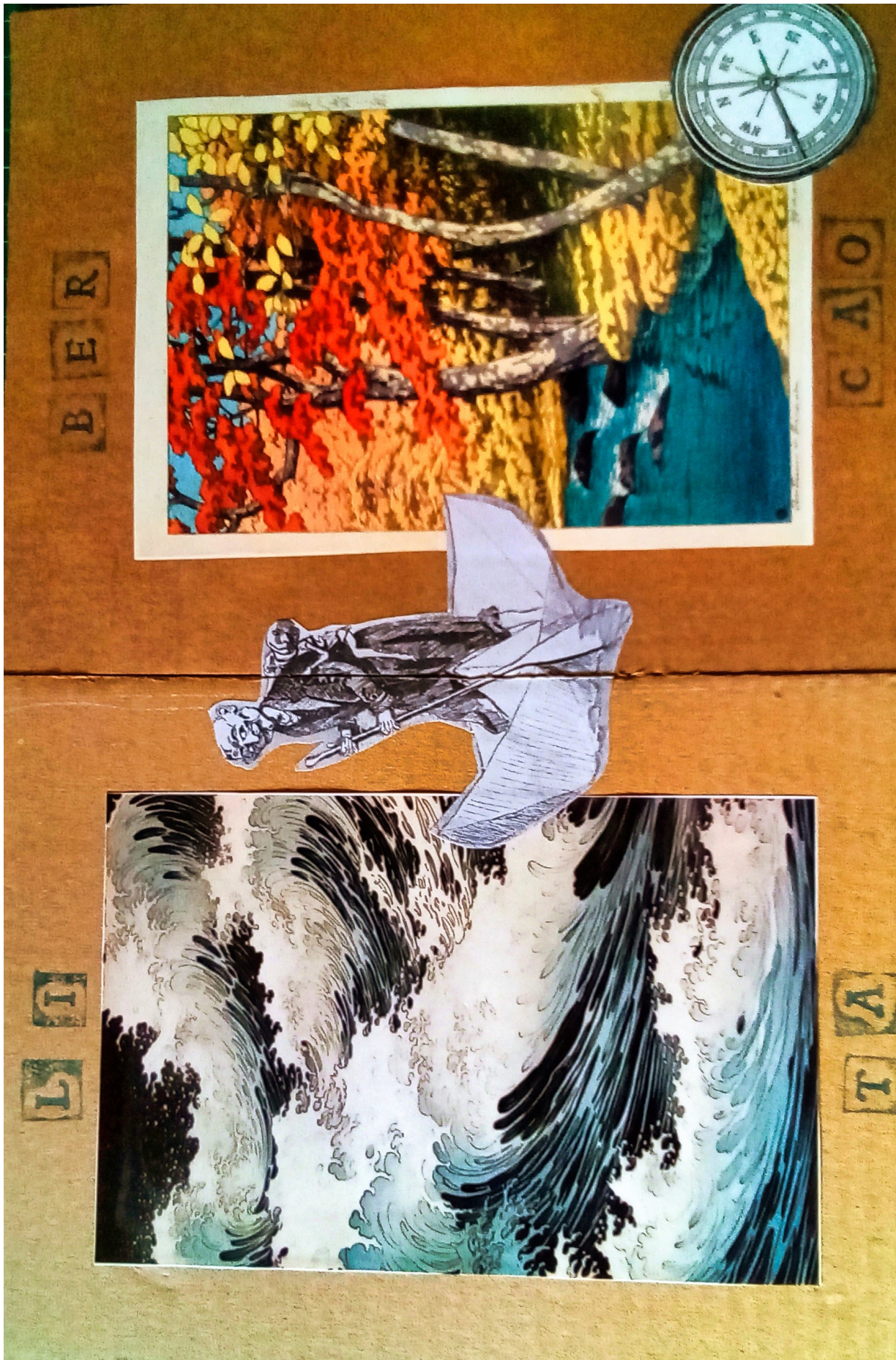
(...)

Pegando em mim, rasguei-me, abri, parti-me.

(...)

O menino, por fim, tombou cansado;  
o seu boneco aí jaz esfarelado...  
E eu acho, nem sei como, a porta aberta!

José Régio



Colagem de Margarida

## O NAVIO DOURADO

Assim que Braveheart adormeceu, os seus companheiros ameaçaram matar as princesas, caso não confirmassem que tinham sido eles a salvá-las e não Braveheart.

Já se preparavam para matar Braveheart, quando as princesas imploraram que não o fizessem.

Decidiram, então, colocá-lo num bote de madeira e deixá-lo à deriva no mar. A princesa mais velha, que tinha ido à frente para preparar o barco, escondeu nele o seu vestido de noiva.

Os soldados colocaram Braveheart ainda adormecido no bote e embarcaram com as princesas no Navio Dourado. Durante a viagem enfrentaram terríveis tempestades e só muito a custo chegaram a casa.

O bote de Braveheart, contudo, navegou até casa sem qualquer problema, tendo aportado no exacto local de onde zarpara oito anos antes. Braveheart acordou e, vendo-se só-zinho, percebeu que tinha sido enganado. Pôs-se a pensar no que fazer.

Não podia apresentar-se ao Rei sem as suas filhas, as três princesas resgatadas, pelo que decidiu disfarçar-se e tentar descobrir se os companheiros já teriam voltado e o que andariam a tramar...

Escondeu o bote na vegetação, vestiu o vestido de noiva da princesa e dirigiu-se à cidade.

Excerto de conto tradicional da Letónia



Colagem de Constança

## ORFEU E EURÍDICE

O coração de Perséfone comoveu-se com a sua história e com a sua música, e convenceu-se a deixar Eurídice a voltar à Terra.

- Mas apenas com uma condição - disse a deusa a Orfeu - Ela tem que ir atrás de ti quando saírem. Se te voltares para a ver antes de chegares ao Mundo Exterior, ela regressará aqui para sempre.

O par atravessou o Estige sem problemas e começou a longa subida até à passagem para a Terra.

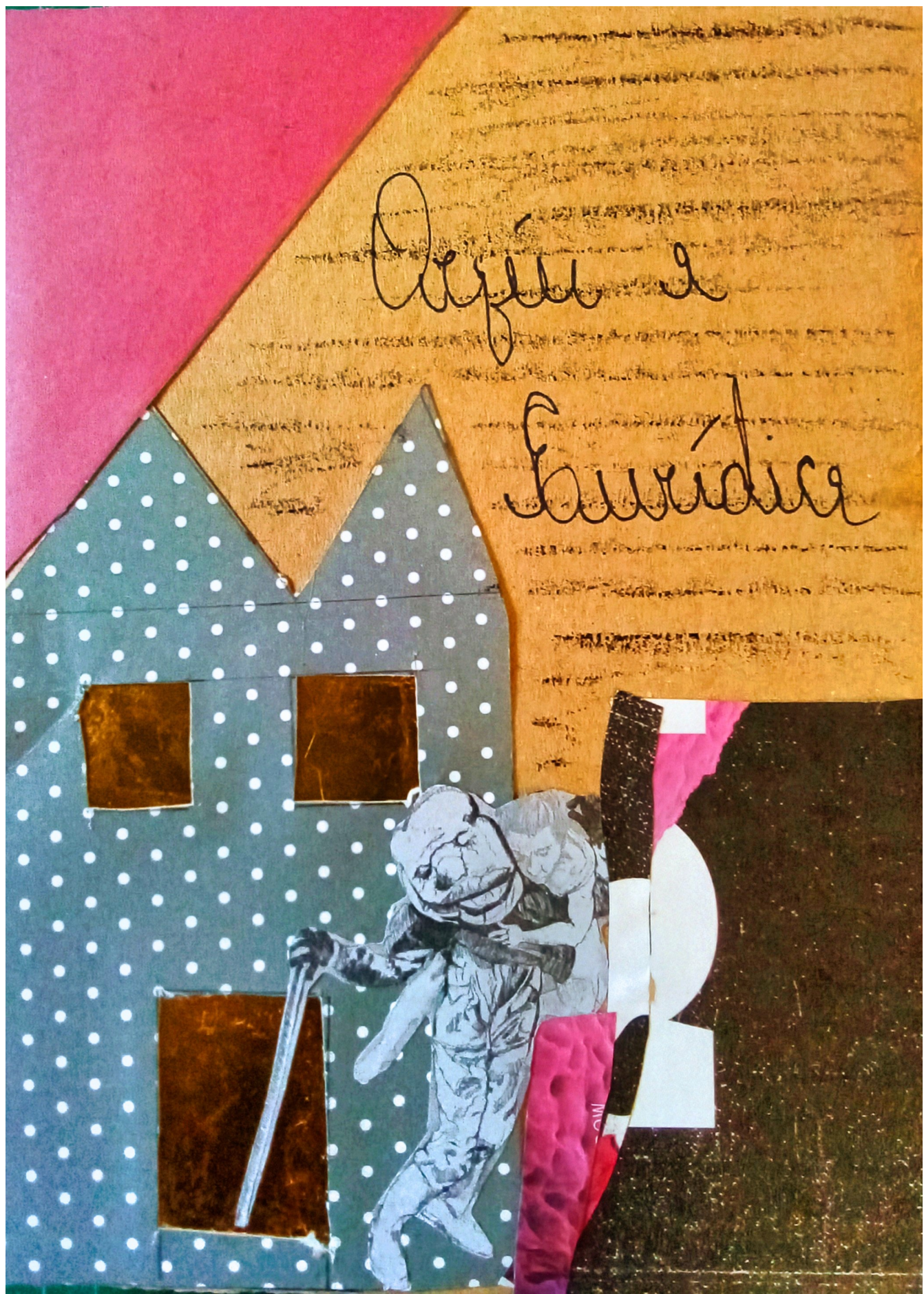
Subiram e voltaram a subir, até que a luz do dia apareceu por cima das suas cabeças.

Poucos minutos depois, Orfeu chegava à entrada da caverna e o sol já lhe batia na cara.

Voltou-se para abraçar Eurídice, mas, mais

fracca do que ele, a jovem tinha ficado bastante para trás. Ele ainda a viu avançar na passagem sombria, mas nesse preciso momento ela desvaneceu-se e desapareceu completamente.

in "Deuses e heróis da Grécia antiga"



Colagem de Mônica Freitas

## A DIVINA COMÉDIA

### O PURGATÓRIO— CANTO II

E quanto mais de nós se aproximava  
o pássaro divino, mais brilhava;  
e o olhar não suportando a sua luz

abaixou-se; e veio à praia o anjo  
com barco tão ligeiro e tão esguio  
que nem sequer nas águas mergulhava.

O barqueiro celeste vinha à proa,  
a beatitude estava nele escrita;  
e dentro dele vinham mais de cem espíritos.

Dante Alighieri



Colagem de Teresa Lança

A VIDA DE SANTA CRISTINA,  
A MARAVILHOSA

Durante a missa do funeral o seu corpo levantou-se do caixão e voou como um pássaro até ao tecto da igreja.

Todos os presentes fugiram apavorados e só muito a custo é que o padre a convenceu a descer, pois Cristina tinha passado a sentir grande repulsa pelo cheiro das pessoas.

Nas estações geladas, Cristina permanecia muitas vezes e por longos períodos de tempo debaixo de água. Também costumava flutuar rio abaixo, em pleno Inverno, deixando-se ir na corrente e cair por cima da roda do moinho de água, sem que nenhum mal ou ferida lhe acontecesse.

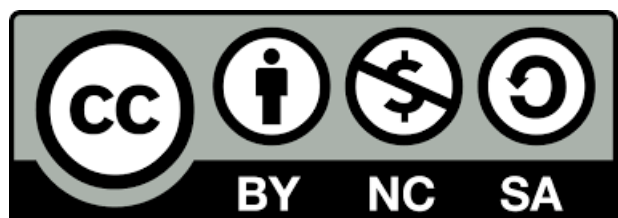
Conta-se que um dia Cristina fugiu até à cidade de Guellen, entrou na igreja e, como a pia baptismal estava descoberta, saltou lá para dentro e imergiu o seu corpo totalmente nela. Diz-se, ainda, que foi por isso que passou a viver de forma mais equilibrada e a tolerar o cheiro dos seres humanos.

Thomas of Cantimpré



Colagem de Isabel Lança

Exemplar \_\_\_\_/200



the fruit of timidity  
is neither gain or  
loss

